

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA¹

Entrevistador: ISADORA ILGENFRITZ DE ANDRADE

Entrevistados: MÁRIO SANDERS

São Paulo, 15 de maio de 2024

Plataforma de realização: Realizado na plataforma Whatsapp

Conversa com Mário Sanders

Isadora Andrade: Pronto, começamos a gravar aqui. Para começar; Boa noite. Agora é dia 15 de maio. É uma quarta feira. Eu estou em São Paulo em ligação pelo WhatsApp com o Mário Sanders, que está em Fortaleza. Para começar, Mário, eu queria que você se introduzisse, assim, o básico. Se você puder.

Mário Sanders: Para falar de mim?

I.A.: Uhum.

M. S.: Eu sou artista visual. Eu trabalho com desenho, trabalho com pintura e trabalho com bordado e eu faço um trabalho.

M. S.: De uma pesquisa sobre o comportamento humano. Desde sempre, eu tô sempre questionando. Através do desenho, da pintura, do bordado. Então, assim, hoje eu tenho alunos onde eu oriento, faço um acompanhamento artístico e trabalho nesse segmento da arte, valorizando sempre a questão da criatividade atrelada à técnica e enfim, basicamente é isso. Não sei se eu te respondi como você queria, mas é isso que eu faço hoje.

I.A.: Então acho. Eu queria perguntar um pouco sobre de onde você é, de onde veio, onde você nasceu. Queria saber um pouco sobre, sobre por que agora você atua em Fortaleza. Mas você é de Aquiraz.

M. S.: É. Eu, na verdade, assim, essa minha história, a da minha procedência, do local de onde eu vim. Ela tem assim, algumas coisas que eu ainda não domino. Uma coisa com certeza é eu nasci num lugarejo chamado Tabajara, na cidade Aquiraz, que fica aqui perto de Fortaleza, que é a que foi a primeira capital do Ceará, a cidade Aquiraz.

M. S.: E eu nasci num lugarejo chamado Tabajara, onde tinha costumes indígenas. A gente foi criada com tapioca, com beiju, enfim. Então teve toda essa cultura indígena, por mais que a gente, eu até hoje não sei até onde a gente tem realmente na na nossa veia essa cultura indígena, mas a gente viveu um pouco isso. Então eu nasci lá nessa cidade e a gente conviveu um pouco com isso.

M. S.: Não sei se isso que responde a pergunta como você quer saber.

I.A.: Então essas coisas tinham sido mencionadas no no seu livro. E com isso também também fica mencionado muito a conexão que o contato que você teve com a arte da sua mãe, da sua vó que eram rendeiras e com o seu avô também, que trabalhava com redes de pesca.

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

M. S.: Isso.

M. S.: Bom, enfim, na realidade essa. Essa é uma parte que pra mim eu não tenho muita dificuldade pra falar, porque eu costumo dizer que eu nasci e convivi entre linhas porque tinha a questão da Aquiraz e era uma cidade onde tinha essa cultura da... Da renda, das rendeiras. As mulheres desde cedo; oito, dez anos. As meninas, quando.

M. S.: Elas já eram iniciadas em almofada, trabalhando com renda, né? Isso era uma coisa muito natural. Os meninos eram mais voltados para a agricultura ou para a pesca e o meu avô era pescador e ele mesmo fazia as tarrafas dele de pescar. As tarrafa de nylon. Caçoeira que a gente chamava, e de tarrafa e a minha... A minha avó trabalhava em casa de farinha, raspando mandioca (Uhum) e também fazia, fazia renda, que era a atividade natural para as mulheres.

M. S.: A minha mãe também. Só que minha mãe, além da renda, fazia bordado e alfabetizava as crianças no lugarejo, mesmo sem ter uma formação educacional, porque ela ensinava as crianças a ler e tal. E foi a minha primeira professora de desenho, foi minha mãe. Enfim. Então fui criada nesse. Nessa história toda, meu bisavô trabalhava com madeira, ele tinha um ateliê.

M. S.: Na época não era atelier, era oficina. Em que ele consertava os santos da Igreja matriz, das peças de madeira que estavam quebradas, ele consertava e trabalhava com madeira. Então, basicamente eu vivia lá com ele, olhando aquelas ferramentas, olhando a madeira e eu achava aquilo tudo muito mágico, muito fantástico, maravilhoso. Assim também como meu avô fazendo, fazendo as tarrafas debaixo de um pé de goiabeira no quintal da casa da minha avó, construindo as tarrafas de nylon.

M. S.: E eu ficava admirado com aquilo, assim também como as rendas que eu ficava olhando para minha mãe fazer, minha mãe fazendo e a minha avó fazendo, enfim. Então eu fui criado nessa história toda, nesse nesse conceito todo de de atividades manuais. É por isso que eu digo que eu fui, na realidade: Eu nasci e cresci entre linhas.

I.A.: Você... você nesse momento, tipo, tentavam... Você estava aprendendo junto, ou era mais observando?

M. S.: Não, não, eu não tinha a menor competência pra nada. Na época eu era muito criança, devia ter cinco, seis, sete anos. Na realidade, o bordado chegou na minha vida muito, muito depois. Mas eu tinha admiração muito grande por aquilo e eu a assim, acompanhava como eu acompanhava a atividade do meu avô em pescar. Nunca gostei de pescar, nunca fui de.

M. S.: De entrar no rio, de entrar como ele entrava pra colocar caçoeira pra pegar os peixes. Eu ia com ele, mas ficava só olhando. Assim também como eu nunca curti essa coisa de de plantar de ir lá na plantação, plantar mandioca, macaxeira, essa coisa toda. Mas eu acompanhei tudo isso. Era uma coisa que eu só observava.

I.A.: Aí, quando você era muito jovem, que você veio, pra... que vocês vieram para Fortaleza? Foi com a sua mãe e com sua mãe que seus irmãos?

M. S.: É. Na realidade, a gente veio pra Fortaleza quando eu tinha dez anos, porque o meu pai queria trazer minha mãe pra cá, pra Fortaleza, meu avô não queria e lá na. Lá no Tabajara, no lugarejo que a gente vivia. Era uma relação assim, muito humilde, muito simples. Mas a gente não tinha problema de comida, a gente não passava fome, a gente não tinha problemas com o lugar. O meu pai queria muito. Ele queria muito trazer a minha mãe pra lá, a todo custo, porque ele na verdade não era de lá. Meu pai era tipo um aventureiro que apareceu por lá na cidade. Era um homem muito bonito, se vestia muito bem e aí conheceu minha mãe, se apaixonou pela minha mãe, mas era um cara da noite e um cara. Era um cara que não tinha e não tinha uma profissão.

M. S.: A gente veio para Fortaleza, (uhum) Foi uma questão dele trazer a gente pra cá. E foi aqui que tudo começou a mudar de uma forma negativa e também positiva. Porque quando a gente chegou aqui, a gente percebeu que a gente não tinha mais a mesma facilidade de vida que a gente tinha lá no Aquiraz, porque era uma família, uma família...

M. S.: Não vou dizer pobre, mas uma família simples, mas que tinha tudo. Tinha fruta, tinha caju, tinha goiaba, tinha coco, tinha açude, tinha pitomba, né, tinha brincadeira, tinha a igreja, enfim. E aí, quando a gente veio pra cá, foi que a coisa começou a ficar diferente.

I.A.: Hum...Aí, assim, o marco que é feito quando vem para Fortaleza, é que quando você é, quando você entra. Na escola, que é o espaço onde você começa a desenhar mais e depois num curso de artes, no. Eu tinha notado o lugar até, mas não estou achando aqui nas minhas notas.

M. S.: Mas eu te falo

I.A.: o centro...

M. S.: Quando eu tinha 12 anos... A gente passou muitos perrengues até realmente chegar no bairro, lá no Conjunto José Walter. E aí quando a gente chegou lá, eu já deveria ter uns 14 pra 15 anos. Foi quando inaugurou lá o Centro. Era um centro cultural, de arte, cultura e esporte. Na época, sim, inovador. Inclusive, eu acho que se não me engano veio um presidente na época, não sei se ainda naquele período da ditadura, nos anos 80.

M. S.: E aí foi lá quando eu comecei a me iniciar no curso que tinha de desenho, mas eu já desenhava, eu já vinha desenhando desde os dez anos de idade, me apropriando de revistas de quadrinho. Eu tinha um tio que tinha uma banca de revista e eu pegava as revistas e de quadrinho emprestada para ficar desenhando para depois devolver. Mas foi muito significativo. A partir daquele momento, ali eu comecei a ter mais meu interesse pela arte. O coordenador do curso era um artista que faleceu antes da pandemia, que era o Dante, e logo quando ele viu meu desenho ficou muito impressionado e me deu muita força.

M. S.: Assim, na época foi, assim, uma coisa muito positiva porque até então eu desenhava em casa e eu não tinha ninguém para dizer nada, né? Minha mãe sempre trabalhando e eu era o mais velho, a gente eram três irmãos e eu mais velho, a minha irmã, meu irmão e eu. Não tinha como alguém chegar para mim para dizer Porra, que legal, que você tá fazendo isso. Não tinha ninguém. Então esse cara foi o cara para chegar para mim, para dizer assim porra, cara do caralho tu desenho igual ao Aldemir Martins e tal. Naquela época isso foi muito bom. Mas depois eu fiquei meio preocupado porque realmente meu desenho, ele foi muito inspirado no desenho do Aldemir Martins. Aí foi interessante

porque a minha mãe já, né, já separada do meu pai, porque a gente veio para Fortaleza e um ano depois ele largou a gente.

M. S.: E aí a minha mãe começou, conheceu uma pessoa, teve um namorado, um cara que começou a frequentar lá em casa, que ele me deu de presente um livro da enciclopédia Delta Larousse, que era uma enciclopédia fantástica, maravilhosa e de capa dura. Na época. E foi nessa. Eu tinha 14 anos e foi nessa enciclopédia que eu vi um desenho do Aldemir Martins, que era o tocador de flauta. Desenhando o cara sentado no banco e aquilo mexeu muito comigo.

M. S.: Eu já desenhava muito, eu, enfim. Então, a partir daquele momento ali, eu comecei a pensar melhor sobre a arte. E aí depois, com 16 anos, quando eu comecei a frequentar o centro comunitário, que era o centro comunitário, Centro Comunitário Adauto Bezerra lá no bairro, que tinha esse professor, que era o Dante. E é a partir dali o meu posicionamento sobre arte começou a mudar

I.A.: Uhum. E aí assim, Depois começa a conectar com o com o grupo do Fratura Exposta e você começa a trabalhar muito com com design e tudo mais. Como que foi exatamente essa essa transição assim de tipo, se um adolescente que é apaixonado por arte, que faz curso para estar num grupo e para começar a trabalhar.

M. S.: Na verdade tem. Tem duas coisas da minha história que é interessante falar. Uma, a facilidade, a vontade de trabalhar com um design gráfico (uhum). Eu sempre tive isso. Eu, até falando com a Clarisse agora, recentemente, eu lembrei de um livro que eu fiz e que foi meu primeiro livro de poesia; que eu fiz todo ele na máquina de escrever.

M. S.: E eu tenho ele, encontrei ele.

I.A.: Desculpa, comeu um pouquinho. Você fez todo ele no que?

M. S.: Uma máquina de escrever, datilografada. (uhum). E aí eu tenho ele e eu coleí ele e costurei ele. Eu tenho esse livro e com capa e tudo. Foi, foi. Foram os meus primeiros poemas com 16, 17, 18 anos de idade. Então eu sempre tive essa coisa do do design gráfico. É... Depois da história. Lá no centro. Nesse curso, lá no no, nesse espaço que a gente tinha as aulas, eu fui conhecendo outras pessoas, outros artistas e... E foi nesse período aí que a gente começou a ter uma necessidade de mostrar o nosso trabalho. Fora o bairro. A gente começou fazendo uma feira que tinha perto da igreja aos domingos para mostrar o trabalho de poesia, de desenho.
Tá ouvindo?

I.A.: (Sim, sim, eu tô quietinha, desculpa.)

M. S.: Tá bom. E aí foi lá que a gente começou a mostrar o trabalho da gente e tal. E aí a gente começou a querer ter algo mais, porque a gente não tinha um alcance da Aldeota. Aldeota, aqui em Fortaleza era o lugar onde os artistas aconteciam, mas só aconteciam os artistas que eram da Aldeota. A arte, a arte de periferia, nem pensar.

M. S.: E aí foi onde a gente começou a pensar sobre fazer uma exposição do grupo. E aí a gente procurou o artista, o Roberto Galvão, na época que trabalhava na Secretaria de Cultura, mas ainda sem pensar em grupo. E nessa história toda, a gente foi formalizando e as pessoas foram gostando do trabalho. E foi aí que surgiu a possibilidade da gente fazer um grupo.

M. S.: E aí vieram as proposta de nome e tal e acabou ficando fratura exposta, que foi o nome que eu dei. Na verdade, Fratura Exposta foi uma expressão de uma matéria na revista Veja que na época eu tinha assinatura ou era eu ou era meu irmão e... E lá tinha uma discussão política, um texto lá na matéria política onde dizia que aquilo ali é transformar na fratura exposta... E eu adorei a expressão e coloquei no grupo e acabou ficando. E a gente fez o grupo e fizemos duas exposições. Foi fantástico, maravilhoso. E aí depois cada um foi seguir sua vida solo e aí eu sozinho fui. Na época tinha uns salões de arte pelo país e foi nesse nesse período que eu comecei a me inscrever em alguns salões.

M. S.: Aí fui premiado num salão de Pernambuco, que era um dos melhores do país. Fui premiado em São Paulo, foi premiado em Curitiba e e aí foi desenvolvendo a carreira solo. E também foi um período que eu comecei a trabalhar no jornal O Povo como ilustração e que foi uma coisa também muito massa.

I.A.: Desde então, eu, tipo desenho é uma parte que você parece que sempre foi muito confiante sobre. Assim, começou fazendo porque gosta e foi tocando. Pintura, foi uma que virou uma consequência da carreira. Então eu agora eu queria transformar isso numa pergunta, na verdade. Como foi começar a pintar para você?

M. S.: Na realidade...E porque assim eu a pintura, ela é...Digamos.

M. S.: A prima rica da arte é a pintura. Na realidade, é onde se manifestou os grandes mestres da vida. Você não escuta falar sobre os grandes mestres do desenho. Você escuta falar sobre os grandes mestres da pintura. Então a pintura é um e um é a mãe da arte. É uma coisa acima de qualquer outra coisa. Então, assim eu, eu sou...

M. S.: A minha formação é de desenho, né. Eu venho de uma cultura de desenho e eu sempre falo que o desenho, ele é a codificação da palavra quando você quer se comunicar através de simbologia. Então o desenho para mim é uma coisa.

M. S.: Fantástica. Eu acho que a pintura é um fim, sabe? O desenho para mim é um meio, apesar que ele pode ser um fim também. Então até hoje eu sofro com a pintura, a pintura é uma coisa que você... Eu no meu caso, não, não conquistei, eu busco, sabe? Então, na realidade eu acho que a gente vive hoje um momento, Isa, que...

M. S.: Na realidade não é.

M. S.: O efeito final, sabe, é a tua busca. O que você quer fazer, né? Então, na realidade eu acho que a pintura é como a fotografia, ela é como o desenho, ela é como uma gravura. Na realidade, no mercado de arte não é assim. A pintura é primordial, enfim, não sei se te respondi, mas é isso, eu, pra mim a pintura é algo que eu estou buscando o tempo todo em atingir.

M. S.: Estou tentando finalizar um trabalho, hoje, de pintura e que na realidade é um trabalho que a ideia é muito mais importante do que a pintura. Entendeu?

M. S.: A ideia desse trabalho, ela é mais importante do que o gesto de pintar. Então, essa ideia que eu tive sobre esse trabalho e ele poderia ser feito um happening, ele poderia ser feito uma, uma

instalação, ele poderia ser uma fotografia, ele poderia ser um desenho, mas eu estou fazendo uma pintura. Então eu não vejo a pintura como sendo.

M. S.: Algo além do que a gente faz do pensamento. Mas eu acredito também que a pintura já está na cultura artística como ser a coisa mais importante e principal da arte. Enfim.

I.A.: Boa, boa, interessante, muito legal. É, então, porque, assim, continuando; Se o desenho vem de uma de um movimento muito natural de organizar os seus pensamentos, eu entendo, assim, que é um movimento natural de processar e de executar. Se pintura é uma coisa mais pensada e dedicada. Assim. Eu queria falar sobre a transição que aconteceu. Eu vi que o instante eu acho que é o instante mais velho.

I.A.: Foi em 2017 de começar a incorporar o bordado como uma forma de trabalhar os seus desenhos e...Primeiro eu queria perguntar sobre o, sobre o que que esse pulo assim de ver o bordado como uma forma de trabalhar o desenho. Sobre começar a bordar. Se você já tinha pensado nisso antes.

M. S.: Eu na realidade, eu, enfim, eu tinha (um!) (deixa eu ver como te respondo). Eu tinha umas cobranças, né? E. Tipo assim “Ah, você é do Aquiraz, você ou você tem sua sua mãe rendeira, porque é que você não faz um trabalho nesse sentido?” E eu... sabe?

I.A.: (Sobre isso.) Tá travando bastante. Desculpa, mas um.

M. S.: Dá pra ouvir agora?

I.A.: Agora eu tô te ouvindo melhor. Desculpa.

M. S.: Não. Eu tinha algumas cobranças de algumas pessoas perguntando por que eu não fazia algum trabalho, já que eu tinha sido... a minha mãe era rendeira, essa coisa toda, entendeu?

I.A.: Uhum.

M. S.: Eu, enfim. Eu nunca tive essa preocupação. “Ah, eu vou fazer alguma coisa por conta da minha cultura.” Eu acho que eu sou uma pessoa muito cosmopolita, sabe?

M. S.: Eu sou uma pessoa muito de cidade. Eu sou uma pessoa muito urbana, (Uhum) É... O interior pra mim ele é interessante, desde que ele seja interior mesmo, que eu possa conviver lá, sem essa possibilidade da realidade urbana. Então assim, o bordado é uma atividade para mim parecida com fazer. Fazer xilo, xilogravura, (Uhum.) Entendeu? A atividade braçal... Um saco fazer aquilo.

M. S.: Né? Cavando madeira? Que merda! Ficar melhor ficar desenhando. Eu sempre dizia assim: olha, eu prefiro fazer uma xerox do que fazer uma xilo, gravar uma madeira, enfim. Mas isso são conceitos que com o tempo vai mudando. Hoje eu acho que eu bordando, quando estou fazendo o bordado é... É como se eu estivesse fazendo um xilo, porque eu estou perfurando um tecido, entendeu?

M. S.: Eu estou. Criando uma superfície diferente. Eu não estou pintando. Eu estou perfurando. Então o bordado para mim é um. É um lance de resistência, sabe? É uma coisa dizer que eu estou vivo, que isso é foda é, é uma perseverança. É isso. A pintura para mim é um, eu sei lá, é um prazer. O bordado para mim é um sofrimento, é um tanto.

M. S.: É que na minha relação com o bordado eu eu não tenho problema quando eu me furo com agulha, eu tenho um problema quando a linha sai da agulha. Então tem as provocações, os questionamentos no bordado e o bordado para mim é a resistência. É um... é um 3D, é uma luz que eu só posso fazer de manhã cedo, sabe?

M. S.: É uma, é uma outra coisa, é um absurdo, é outra história. E que leva muito tempo, e que demora e que hoje eu estou usando como... é... aplicando na minha pintura. A minha exposição. Depois eu vou te passar o catálogo quando estiver pronto. Ela trata bem disso. É uma pintura onde tem, digamos, tem um anjo negro e as asas dele é de bordado, entendeu?

M. S.: E é de pintura. Então é isso, eu não me apego a “Ah é o bordado”, “Ah eu sou bordador”. Eu não sou bordador, eu não sou, eu... Ah, teve uma bordadeira que chegou para mim “aí deixa eu ver teu bordado no verso”. “Aí você não se preocupa de deixar o verso igual” Eu disse não. Por quê? Porque eu não tenho interesse! Eu sou... Sabe? Eu não sou bordadeiro.

M. S.: Eu não tenho esse tipo de preocupação. Então, assim, eu sou, eu acredito que o meu trabalho na realidade ainda é independente do bordado, do desenho e da pintura. Ele é muito mais uma coisa conceitual, tipo, vou te falar uma coisa, eu fui lá hoje no Aquiraz, na Prainha, aí você ir lá naquele artesão lá, que é um cara que... É... Ele é chefe e ele faz comida lá.

M. S.: E ele vive disso. E eu olho o que ele faz lá, o trabalho que é falar de madeira, sabe? É... eu acho do caralho. Acho fantástico, maravilhoso. E eu fico pensando o que que eu estou fazendo da minha vida? Sabe? Porque aquele cara, ele. Ele é chefe daquele lugar. Ele mantém a família dele, ele mora lá, um lugar complicado de chegar, um lugar que nem todo mundo vai.

M. S.: E o cara faz uma comida maravilhosa, entendeu? Faz um trabalho maravilhoso. Então é sobre isso que eu penso, sobre a arte, sobre a minha relação com outros artistas, enfim, é isso, Isa.

I.A.: Uhum.

M. S.: Que é mais que cê quer saber?

I.A.: Como? Como você está se sentindo assim? Para checar, medir a temperatura. Você está...?

M. S.: Com relação a o quê?

I.A.: Tipo continuar falando um pouquinho mais Eu quero te não quero está te molhando demais com nada.

M. S.: Aaah, não, eu tô de boa. Eu comprei três latinhas de cerveja. Eu estou aqui. Vou pegar mais uma. Tô de boa. Estou tranquilo. Não tô tenso.

I.A.: Travou muito. Ok.

M. S.: Pode perguntar. Pode questionar. Tô aqui.

I.A.: Tá. Não, eu sei. Eu não esperava isso, na verdade, de que... O que iria te levar a começar a fazer uma coisa de bordado, seria uma pressão a seguir, uma expectativa para sua hereditariedade. Você fez por... por tipo, “Ah, vou tentar”?

M. S.: É porque é assim, na realidade eu tenho uma peça- uma percepção muito diferente sobre sobre tudo. Assim. Eu-Eu acho que hoje. A vida, a nossa história. Ela é muito segmentada em atitudes, sabe? Em tabus, não só na arte. A gente é. A gente é trabalhado para ser um personagem, entendeu? Naquilo que a gente faz e eu tenho... E eu tenho uns questionamentos que são muito próprios, que hoje eu vejo pessoas de fora. E como é ter um amigo que... que fez um questionamento sobre o meu trabalho, sobre uma ideia matemática científica que eu nunca tinha pensado. Então eu acho que eu vivo na realidade sem essa preocupação de querer passar, que o meu trabalho é bom, que o meu trabalho está correto, que o meu trabalho é isso, que vai trabalhar aquilo.

M. S.: Na realidade, é que o bordado. Ele apareceu na minha vida não por conta da cultura da minha família de bordado, até porque tem uma diferença muito grande, porque é assim: O bordado, ele era na época, lá na minha cidade, quando eu era criança. Ele era uma atividade e. Ele era uma atividade caseira. Entendeu, ele, o bordado. Ele era explorado para fazer coisas de dentro de casa.

M. S.: Tá me ouvindo.

I.A.: Uhum uhum

M. S.: A renda, ela era uma atividade profissional. Então assim, as meninas, as mulheres, elas sentavam em almofada para produzir renda, porque isso era que dava dinheiro, o bordado não dava dinheiro, então o bordado era aquelas toalhas para. Colocar lá que era pano e pano de mão ou então toalha, fazer aquelas bainhas para dizer que era uma toalha de fulano, de sicrano, entendeu? Então tinha essa coisa da renda acima do bordado. E quando eu comecei a fazer o bordado, na realidade, eu não me atentei a isso. Eu comecei conta da... De uma escola que eu fui dar aula de desenho pra bordado onde... era um amigo meu e tal, e ele queria que eu colocasse o desenho na produção das bordadeiras lá, que eram senhoras aposentadas, com mais de 70, 80 anos.

M. S.: Enfim, elas queriam, mas na verdade era um lazer. E aí quando eu fui para lá, eu tentei levar esse desenho e me apaixonei por bordado. Então... Só que o bordado para mim... ele é uma atividade técnica, entendeu? Ele é uma coisa que me fascina. E quando eu começo a fazer, eu não tenho vontade de parar. Então ele é diferente do desenho, ele é diferente da pintura, ele é diferente, é, da fotografia, né?

M. S.: E ele é mais uma atividade. Então na minha cabeça, toda e qualquer atividade, ela se relaciona bem com a criatividade. Não existe nenhuma atividade técnica que ela se solidifique, que ela tenha um retorno, que ela tenha, que ela seja vista. Se não for através da criatividade.

I.A.: Claro.

M. S.: Pois é. Então é assim, para tentar explicar isso de uma forma mais legal, por exemplo, aquela sua tela da concha, um que tem aquele gatinho lá dentro. Aquilo ali para mim não é fim. Aquilo é uma ideia, Entendeu? Aquilo é uma ideia que pode ser feita com o objeto. Entendeu que você pode como... realmente ver uma concha e ver aquele... Pegar um objeto, um gatinho de porcelana, e botar dentro da concha. É disso que eu falo, entendeu?

M. S.: Eu não acredito na atividade física, na atividade, na técnica, na atividade técnica. Até porque eu acho que eu penso muito diferente sobre a arte. Eu acho que essa pesquisa que se faz sobre a arte é uma coisa que já foi feita. Picasso é um exemplo disso, entendeu? Então, eu acho uma besteira imaginar que você hoje tem que produzir um trabalho para estar no museu.

M. S.: Quando eu fico ouvindo assim, tipo alguém dizer ah, eu fiz uma impressão de fine art no papel, não sei o quê, que vai durar 1500 anos, porque é o papel- Cara, tô cagando para isso, eu não tenho interesse para isso, porque o Caravaggio está lá, entendeu? Essa galera já... já está lá. Não somos nós que vamos estar lá. A gente não vai estar lá, nós não vamos estar lá, entendeu? E enfim. Então é uma percepção minha. Tem essa coisa da alquimia de alguns artistas de ficar pesquisando algum tipo de material. No final das contas, cara. Hum, é mais uma postura, sabe? É mais um interesse, é mais uma necessidade, uma vontade. O bordado, na realidade, para mim, hoje ele... Tem uma coisa que eu acho fantástica, porque deixou de ser simplesmente uma peça artesanal.

M. S.: Não querendo dizer que o artesanato não seja arte, mas isso eu acho muito bacana, porque essa coisa da manualidade e isso tem muito a ver para mim, com a questão da moda, da calça jeans, da boca de sino, do vinil, sabe? Então o bordado ele resgata um pouco isso. Então é isso.

I.A.: Um não. E aí você é assim. A experiência com a oficina que você deu de desenho para bordado foi a primeira. Foi o primeiro momento que você foi fazer uma oficina? Foi meio que condizente que quando você começou a dar os cursos, não é?

M. S.: Na realidade, eu tinha... Eu estava começando a fazer uma abordagem sobre a oficina de desenho criativo (Uhum). Né, eu... Eu tinha pensado sobre isso, sobre o que é desenho criativo e que assim, essa coisa do desenho. Existem cursos de desenho onde os cursos ensinam as pessoas a desenhar que eu acho a maior mentira, porque. Não é. Não tem isso, essa necessidade de alguém aprender a desenhar.

M. S.: Primeiro porque eu acredito que ninguém precisa saber desenhar, né? Mas eu acho que é muito mais pertinente você saber usar o desenho. Como usar o desenho? Saber usar o desenho, porque às vezes você sabe desenhar. Você tem um desenho fantástico, maravilhoso. Você faz umas cagadas quando vai para a pintura, enfim. E é aí quando tem essa possibilidade de eu fazer esse acompanhamento, né?

M. S.: O curso de desenho para bordado para mim foi fantástico, maravilhoso porque eram para senhoras. Pessoas que não queriam saber de desenho, estavam cagando e andando ali para aquela minha proposta. E ele foi. Aconteceu um negócio assim. É muito foda, porque eu cheguei para elas. Aí falei sobre o desenho e elas “Ah meu filho, nem vem que não tem porque não consigo desenhar um O com uma quenga”.

M. S.: Era essa a postura. E aí, o que é que eu fiz? Eu nunca tinha feito o bordado na minha vida. Eu peguei lá. É um pedaço de tecido lá com esse meu amigo que era o diretor da escola. Peguei a agulha, que eu também não tinha, linha, e trouxe para casa. A aula era na segunda-feira, no final de semana eu peguei e fiz um desenho, fiz o bordado e na segunda levei esse desenho e aí apresentei para eles o desenho e depois o bordado que eu fiz.

M. S.: E aí quando eu apresentei, elas perguntaram quem tinha feito o bordado. E eu falei que tinha sido eu. Aí elas falaram “Nossa, professor, eu não sabia que você desenhava- eu não sabia que

vocês"... Aliás, "eu não sabia que você bordava. Eu não sabia que você sabia bordar". Aí eu respondi para elas assim: "Olha, da mesma forma como vocês acreditam que não sabem desenhar, eu estou provando para vocês que eu sei bordar."

M. S.: Então, assim, foi um negócio assim muito foda, muito legal. E deu um baque na cabeça delas, sabe? Foi muito bom isso porque alguns começaram realmente a desenhar. Foi legal, Muito massa.

I.A.: Tendi. Durou... Foi um curso de um dia só. Foi um curso de mais tempo?

M. S.: Uns seis meses, eu acho. Mais ou menos seis meses, oito meses por aí. Foi muito bom. E a partir daí eu comecei a me interessar em dar aula. Eu sempre achava que eu não tinha... eu não tinha essa bagagem para dar aula. E aí quando eu comecei a pensar sobre a minha história e sobre tudo que eu passei sobre o que eu pensava sobre a arte, o que eu pensava sobre a minha condição artística, que aí veio aquela história do convite do Chico para te dar aula e ali foi um teste e depois eu comecei a me empolgar.

M. S.: E aí eu achei que porra, porque não contar minha história? Só que assim é uma coisa interessante. Eu passei, na verdade, a cada vez mais evoluir nessa questão, mas ao mesmo tempo sabendo que tudo tem muito a ver com o aluno. Não é só a questão minha, porque a questão de curso é uma coisa diferente. O cara promete que você vai sair de lá sabendo desenhar.

M. S.: Eu não prometo porra nenhuma. Eu não tenho promessa nenhuma com o aluno, só dizer para ele que a gente pode fazer um bom trabalho.

I.A.: (ininteligível) Eu fico me perguntando da diferença entre dar aula num curso fechado com uma com as senhoras que não estão muito preocupadas com esse tipo de coisa tão querendo curtir, assim, aprender e curtir, e querer se propor a fazer esse negócio de acompanhamento com artistas iniciantes e tal.

M. S.: Sim, cê quer saber o quê?

I.A.: Sobre essa diferença, assim. Desses dois tipos de experiência como professor.

M. S.: Cara, hum... É assim; Eu fico pensando que eu. Enfim, eu vou ser um fracasso sempre, sabe? Eu não vou dar certo nunca, porque eu não tenho a presunção de achar que eu vou ser bom em fazer alguma coisa por alguém. Entendeu?

M. S.: Então, assim a-as "véa" lá do... do... as aposentada, era tipo Pô, você tá dando a oportunidade pra elas pensarem de uma forma diferente. Elas estão querendo pensar de uma forma diferente? Será? Não, elas estão lá porque são aposentadas e tal. Acompanhamento; Aí eu faço um acompanhamento que é um lance inédito aqui em Fortaleza. E que foi uma cultura que eu conheci em São Paulo nos anos 80.

M. S.: Aí eu fico tentando passar uma história de de cultura, cara, sabe, de posicionamento, de pensamento para figura, que eu não sei se ela quer isso, sabe? Eu tenho uma aluna que é rica, milionária, que eu dou aula na casa dela, então. É... Enfim, aí ela faz um trabalho lá que já melhorou muito e tal. E ao mesmo tempo tem um aluno maravilhoso, aquele que eu te falei, que tem 15 anos, que tá indo lá. Cara o menino é fantástico, o menino tem um desenho de HQ de história em

quadrinhos que é... é um negócio assim que eu... Eu queria levar ele pra outro canto, sabe? Então, é um lance muito doido. Eu não faço isso por grana, não faço isso. Enfim, eu sou um cara fadado ao fracasso, pode ter certeza, porque eu não vou fazer... E tem gente que fala assim pra mim “Cara, dá aula na internet, tu vai ganhar grana, tu vai-” cara, eu vou me sentir mal, sabe? Em participar de um projeto em que eu vou fazer de conta que eu estou dando aula. Enfim.

M. S.: E aí a história da loja também é uma história que é um posicionamento que não é meu. Não é. Mas também não é meu, é, de vender produtos de arte. Que eu também não sei se isso vai se solidificar, entendeu? (Uhum)

M. S.: Não sei se é isso que eu quero. Enfim, eu nesse momento, agora estou preocupado com a minha exposição, que vai ser daqui a dez dias e não estou querendo pensar sobre o resto. E é isso. Depois eu vou pensar sobre o resto, vou pensar sobre o que eu vou fazer da minha vida. Mas nesse momento, o que eu posso falar é o seguinte: que ainda vale a pena, sabe, essa relação com a arte. Porque ela traz alguns questionamentos sobre a vida. Eu não tenho um posicionamento babaca sobre a arte. As pessoas, na realidade, levam muito a sério a arte. Eu não levo, sabe? Eu acho que tem umas coisas que eu acho que a arte é uma atividade como qualquer outra.

M. S.: Enfim, no mais isso é um posicionamento meu. Tem mais alguma pergunta?

I.A.: Não sei. Eu acho que eu acho que está indo para um, para um fim orgânico, assim. Quer falar um pouco sobre como você está se sentindo? Sobre a exposição?

M. S.: Criatura. Eu... Na realidade. Eu vou te falar uma coisa aqui.

I.A.: Ainda num espaço de entrevista. Se você quiser conversar depois a-

M. S.: Não, mas tá de boa. Eu na realidade assim... O que é uma exposição? Na verdade? O que é um convite de uma galeria hoje que está aqui no Ceará, que desponta como uma das maiores galerias do país, né? E que está levando o que agora, há pouco tempo o artista para a Alemanha, que está levando uma menina agora pra Los Angeles, que tem uma representação em São Paulo, então assim, é tudo isso que eu fico pensando e ao mesmo tempo eu não sei se tudo isso é importante para mim, porque na realidade eu tenho muita vontade de ficar.

M. S.: De me tornar um ermitão, sabe? Eu acho que tem muita coisa que está acontecendo hoje e. Que me deixa muito mal. Entendeu? Que me deixa muito mal.

I.A.: Deixa o quê?

M. S.: Me deixa muito mal. Não ouviu?

I.A.: Não, tá travando exatamente nessa frase.

M. S.: Valha... Tá ouvindo agora? Tá ouvindo?

I.A.: Tenta falar de novo, pra ver se trava.

M. S.: Tá ouvindo?

I.A.: (ininteligível) Eu estou te ouvindo bem.

M. S.: Tá ouvindo agora?

I.A.: Aham.

M. S.: Tem umas coisas que me deixam muito mal assim, independente da arte. Tá meu ouvindo? Tá me ouvindo? (Sim) Tu tá me ouvindo? Eu estou vendo que está falhando.

I.A.: Ouvindo um pouquinho sim, pode seguir.

M. S.: Pois é, meu bem. (Uhum)

I.A.: Pois boa sorte, assim, vai dar tudo certo. Nesses dez dias você vai conseguir fechar tudo e vai ser. Vai ser lindo e depois a vida vai seguir.

M. S.: Tá legal. Achei legal conversar contigo. Depois tu dá uma olhada se tu gravou mesmo essa conversa toda, viu?

I.A.: Imagina se não tiver gravado nada. Foi assim. Foi muito bom conversar contigo, foi muito bom. Eu sabia de algumas coisas da tua vida, não sabia de todos esses detalhes e acho que escutar de novo sempre traz coisas diferentes. Imagino que falar de novo essas coisas sempre traga (Beleza) coisas diferentes.

M. S.: Foi bom meu anjo. (Eu vou... Seguinte, eu vou te avisando.) Um beijo.

I.A.: Ah, eu vou ter que transcrever isso e eu vou te mandar a versão transcrita para tu dar uma olhada. Se você (Tá) quiser. Mas aí já vai ser mais pra frente. Então não se preocupa.

M. S.: Beleza. Fica tranquila. Beijo.

I.A.: Um beijo. Bom trabalho, viu? Valeu, Bom descanso agora, tchau, tchau.

M. S.: Valeu.